

Férias de fornicção
e outras murmurações de um moralista

Férias de fornicação
e outras murmurações
de um moralista

TIAGO CAVACO



MUNDO CRISTÃO

Copyright © 2023 por Tiago Cavaco

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Almeida Revista e Atualizada*, 2ª ed. (RA), da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

*CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ*

C363f

Cavaco, Tiago

Férias de fornicação e outras murmurações de um moralista / Tiago Cavaco. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2023.
192 p.

ISBN 978-65-5988-205-2

1. Ética social. 2. Ética cristã. 3. Igreja e problemas sociais. 4. Vida cristã. 5. Conduta. 6. Relações humanas - Aspectos morais e éticos - Cristianismo. I. Título.

23-83030

CDD: 241.621

CDU: 27-42:172

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Edição
Daniel Faria

Revisão
Natália Custódio

Produção e diagramação
Felipe Marques

Colaboração
Ana Luiza Ferreira

Capa
Marina Timm

Ilustração de capa
Danilo Zamboni

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Categoria: Cristianismo e sociedade

1ª edição: maio de 2023

Sumário

<i>Prefácio de João Pereira Coutinho</i>	9
<i>Uma defesa apressada deste livro</i>	13
PARTE I – AS MURMURAÇÕES DE UM MORALISTA	
Férias de fornicção	17
O mal resolvido confessa-se	20
A minha tia e o Mata-Sete	23
Poder engordar na cantina da escola	26
Desmarcar tudo meia hora antes	29
A hostilidade nos devolve à mediocridade da multidão	32
O esnobe que julgava amar os pobres	36
A que bebedeira conduzes os teus filhos?	40
Suspeitar de soluções	43
PARTE II – A ESTUPIDEZ COMO PARTE CONSIDERÁVEL DE NOSSA EXISTÊNCIA	
A internet como um anticristo que nos fulmina pela fartura	49
A maldição do monopólio do <i>cringe</i>	53
Ser esquecido	56
Assentados no trono celeste	59
Ter a história do nosso lado	63
Por que tento convencer gente que desprezo?	66
O cativo de ser inteligente	69
Por que não acredito assim tanto em perguntadores	72
PARTE III – O PAÍS RELATIVO E OS PAÍSES RELATIVOS	
Como maltratar brasileiros	79
Rio de Janeiro, no miolinho da alegria	82
O Brasil tem razão em não dizer mais pequeno	85
O cuspe da Maitê Proença	87
Entre Paulo Portas e a IURD voto IURD	92

Quem são os evangélicos no Portugal de hoje?	96
O menino da mamãe português e o bruto americano	100
A seção de embutidos do Seabra's	105

PARTE IV – ODEIO ARTISTAS, MAS SÓ OS SAUDÁVEIS

Para cada artista que cai, um anjinho ganha asas	111
O dom e a doença	114
O triste déficit de trevas nas letras portuguesas	117
A gravata e o ranho	119
A primeira vez que dei a mão ao inimigo	122
Terror em família (ou o Dia da Reforma Protestante)	125
O tolinho que lia e chorava	129
A elegância chocha	131
Leonard Cohen em Mem Martins	134

PARTE V – *FELIX CULPA*, OU “CULPA FELIZ”

De pecadores para pamonhas	139
Quando pedir desculpas é do Diabo	142
Pior que pedir milagres é não precisar deles	145
Levar a lepra para a Lapa	148
Orem pela Nice	152
Circunstâncias do Diabo para Deus nos fazer falta	155
Um nojo de Natal	158

PARTE VI – MILAGRES NO CORAÇÃO

Os fantasmas na minha cama	163
Sou agnóstico quanto à minha velhice	166
O elogio seletivo da temperamental Irmã Isilda	169
Atropelado pelo que o Pedro me confessou	172
O meu trajeto de ser tonto	175
A minha mulher mata-me há vinte anos	178
A diferença entre ração e refeição	182
Viver dentro de conversas que ainda não tivemos	185
Viver destriunfado	188
<i>Sobre o autor</i>	191

Prefácio

Quando um pastor evangélico nos convida para escrever o prefácio de uma obra sua, a primeira heresia que nos sai é um “ó diabo!” muito sincero e temente. Quando o pastor em causa é nosso amigo há muitos anos, desconfiamos de intenções benéficas. Querem ver que estou pior do que pensava? E que esta boa alma resolveu partilhar o melhor da sua mesa com um pobre pecador, na esperança de o converter ao caminho reto?

Então abrimos as primeiras páginas, desconfiados, só para ver a encomenda. Que erro brutal! Depois de lermos o primeiro texto, avançamos para o segundo, e para o terceiro, e para o quarto. É assim que as grandes desgraças acontecem, neste vou-só-experimentar-um-bocadinho-e-já-volto.

Não voltamos tão cedo. Nem queremos. Os textos de Tiago Cavaco, para além da elegância estilística, têm uma elegância elegíaca: eles celebram o que o espírito do tempo foi enxotando da nossa praça. Se um conservador, na inesquecível definição de William F. Buckley, é aquele que habita a história para ordenar um “*stop!*” de vez em quando, o Tiago é um dos nossos maiores conservadores. Ele sabe que existe algo de perverso no “destino sempre heróico de progredir”, até porque esse destino (e esse progresso) cria estranhas metástases.

Uma delas, analisada com finura, é o paradoxo de termos pessoas não religiosas a serem as mais negativas que existem. Antigamente, essa era uma prerrogativa dos crentes: não faças isto, não faças aquilo.

Hoje, essa incontinência foi tomada de assalto pelos maiores progressistas, que pretendem tutelar a existência humana com uma ferocidade que teria deixado Calvino a tremer. “Quanto menos Deus há na nossa vida, mais impedimentos impomos aos outros”, afirma o Tiago. Afirma muito bem. Como diria Chesterton, se os homens não se governam com os Dez Mandamentos, acabam governados pelos dez mil mandamentos.

Mesmo a discussão política, que por infeliz vocação sou obrigado a acompanhar, foi tomada de assalto por uma energia pseudorreligiosa que se julgava enterrada no século 20.

Ledo engano. Recentemente, a revista *The Atlantic* contava que, nas duas primeiras décadas do século 21, a frequência de igrejas nos Estados Unidos desceu para menos de 50% (andou nos 70% entre 1937 e 1998). Ao mesmo tempo, e em igual período, a intensidade ideológica disparou para a estratosfera, até produzir as aberrações conhecidas: exércitos de inquisidores que querem queimar livros ou banir a liberdade de expressão; ou, em alternativa, novos soldados da nação e da raça.

Em ambos os casos, e por incrível que pareça, o que existe é uma fragilidade emocional e espiritual que não foi atalhada no momento devido. Uma educação digna desse nome costumava dar conta do recado: a formação de um caráter implica, primeiro, a desconstrução de um ego. Mas a educação de hoje quer pessoas “bem resolvidas”, para usar a encantadora expressão de um leitor de Tiago Cavaco, e o resultado dessa busca incessante de “autoestima” é termos gerações neuróticas e amedrontadas perante a realidade da vida.

Num dos melhores textos deste livro, o Tiago explica como o amor pelo humor *cringe* é uma confissão de temor e renúncia. Porque o convívio com os outros pressupõe alegrias e tristezas — ou seja, abertura ao imponderável, mesmo que esse imponderável traga embaraços.

Não mais. “Estamos a rir mais uns dos outros para evitar rir uns com os outros — e não saber estar fisicamente com o outro é perder a oportunidade da piada mais brilhante de todas, que é aquela acerca de mim.” Lapidar.

Neste mundo de segurança total, em que não se arrisca nem se petisca, o autor recomenda certos caminhos. Os filmes de terror são um deles, só para quebrar um pouco o que o filósofo Byung-Chul Han designa por “excesso de positividade”. A oração é outro caminho. Não apenas para que Deus nos ouça; mas para que nós nos possamos ouvir como os seres limitados e desamparados que somos, incapazes de mover certas montanhas.

A prosa do Tiago é assim: rebelde e desconcertante porque feita contra a falsa rebeldia e a falsa originalidade. No fundo, contra a “mediocridade da multidão”. Com ele, aprendemos a importância dos inimigos para uma vida completa; a diferença entre comer uma razão e comer uma refeição; o erro comum de se considerar o casamento a mera continuação do namoro, quando o casamento deve “matar” o namoro; e o motivo por que as pessoas, depois de um enterro, nunca têm pressa de sair do cemitério. De fato. Pressa para que ou para onde?

Como se tudo isto não bastasse, o Tiago ainda tem a ousadia de casar o agostinianismo com o agustinianismo (com “u”, em homenagem à maior das sibilas) em aforismos que trespassam e iluminam. “O que estraga a vida

dos portugueses não é a pobreza, mas as intermitências da prosperidade”. Grande verdade. A que se segue outra, maior ainda: “É minha convicção que o ódio ao americano é proporcional ao desejo, hoje recalcado, que no passado tivemos de poder ser um.”

Volto ao início. Quando um pastor evangélico nos convida para escrever o prefácio de uma obra sua, a primeira heresia que nos sai é um “ó diabo!” muito sincero e temente. Mas quando terminamos a leitura e finalmente pegamos na caneta, é para deixar um “muito obrigado”.

JOÃO PEREIRA COUTINHO
Escritor, cronista e cientista político

Uma defesa apressada deste livro

Quis escrever um livro chamado *Férias de fornicção* acerca de como a juventude privilegiada e rica de Lisboa estoura devassamente o dinheiro dos pais em férias delinquentes no litoral da província portuguesa do Alentejo. Fracassei. O máximo que consegui foi uma crônica com o mesmo título, a que abre esta coleção. Parte considerável dos textos que escrevo no *Observador* corresponde a fracassos semelhantes.

Se olhar dessa perspectiva, esta coleção de crônicas também é um cemitério dos livros que sonho escrever mas não sou capaz. Falta-me a capacidade de transformar um instinto numa tese consistente, um rasgo momentâneo numa obra completa, um pressentimento numa paixão consumada. Como chama o vilão do *Apocalpto* do Mel Gibson ao herói do filme, sou um “Quase”.

Também é disso que gosto nas crônicas. Podendo ser quases, elas vão embora antes do tempo, e têm impacto até quando não houve a oportunidade de lhes tirar as impressões digitais. Não estou a dizer que é isso que as minhas conseguem, mas é, sem dúvida, a isso que elas aspiram. Prefiro mil vezes deixar no ar uma ideia mal defendida do que iludir-me com a eficácia de convencer alguém.

Assumo que o fato de usar esta dicotomia, de pôr de um lado a provocação rápida e do outro a persuasão rigorosa, demonstra o trabalho diário que me ocupa além destas crônicas: sou um pastor evangélico. Como pastor evangélico tenho de, pelo menos, tentar aparentar que a persuasão rigorosa é o meu trabalho. Mas a verdade é que, quanto mais

artigos escrevo, mais encontro um campo estranhamente comum aos meus sermões semanais. Vou tentar explicar.

Como pregador, sou um moralista profissional. Sou pago para mostrar moral, defender moral, incutir moral ao povo que me dá o salário. Tenho-me apercebido da imensa vantagem que daí vem. Afinal, moralizar é um instinto inato a qualquer pessoa e eu ganho dinheiro para fazer o que a maioria faz sem receber tostão. Por causa disso, aperfeiçoo-me profissionalmente onde a multidão é amadora.

Acresce o fato de, apesar de todos sermos moralistas, haver hoje a tendência dominante de o negarmos. Como passou a ficar mal assumir que se crê numa moral (como se uma pessoa, para não querer desperdiçar os recursos naturais do planeta, dissesse que ia passar a poupar o seu consumo de oxigênio), a arte de moralizar anda em negação, só a tornando mais onipresente e absurda. Nunca somos tão moralistas como quando o negamos.

Imaginem por isso o privilégio imenso que tenho de, sem qualquer remorso, escrever textos moralistas no maior jornal *on-line* português. Neles, pratico sem culpa o mesmo tipo de argumento que tantas vezes desenvolvo nos meus sermões. Há crônicas até que, na prática, são versões alternativas das minhas pregações. Sou um moralista remunerado no púlpito e posso ser um moralista remunerado na imprensa. Há vidas boas.

Mas quero ainda mencionar o aspecto da murmuração. Para que fique claro, concordo que na Bíblia a murmuração é condenada e o murmurador é quase sempre uma criatura em linha reta para o inferno. Mas, se formos sinceros, temos de reconhecer que, nos púlpitos da vida, a ventilação do murmúrio é parte do sopro do espírito em que qualquer

pregador descamba. A linha onde acaba o aborrecimento e começa a adoração é tênue — queixume e querigma andam de mãos dadas.

Também por isso, me pareceu ajustado adicionar a este livro o subtítulo *murmurações de um moralista*. E devo reconhecer que, durante o tempo da publicação destas crônicas, estas mesmas murmurações têm suscitado outras nos leitores. As que primeiro mais me impressionaram foram, curiosamente, de outros cristãos como eu. Uma das mais gloriosas reclamações que recebi era de um senhor venerável na minha denominação batista em Portugal que, após um dos meus textos, declarou ter vergonha de pertencermos à mesma família religiosa.

Sinceramente, parece-me equilibrado que um pastor evangélico, ao escrever de um modo moralista e murmurador na imprensa secular, não importune apenas os pecadores. Creio mesmo que a nossa maior proximidade ao Apocalipse se nota não porque os maus são cada vez piores, mas porque os maus se sentem cada vez melhores. Num mundo em que quem rejeita Deus se sente mais santo do que ele, talvez murmurar seja a única moral possível.

* * *

Este livro não existiria sem o cuidado que vem do amor que me tem a minha mulher, Ana Rute, e dos nossos filhos, Maria, Marta, Joaquim e Caleb. Agradeço à minha Igreja da Lapa, sabedora que a entrega que devoto à palavra passa por textos que tantas vezes parecem impenitentes. Um obrigado ao Rui Ramos e a toda a equipe editorial do *Observador*. Entrego também uma palavra de gratidão ao João

Pereira Coutinho, um dos cronistas que mais me inspira, pelo generoso prefácio no meu próprio livro de crônicas. Por último, deixo um reconhecimento especial ao Daniel Faria, meu fiel e infalível editor, que não somente corrige como encontra caminho para os meus textos — se houver sentido no caos destas crônicas, a ele o devemos.

Parte I

AS MURMURAÇÕES DE UM MORALISTA



Férias de fornicação

Já que não consigo concretizar todos os livros que gostaria de escrever, alguns tento que, pelo menos, cheguem a ser textos. É o caso deste. Há uns anos, numa semana de verão no litoral do Alentejo, no centro-sul de Portugal, cruzei-me com um fenómeno que quis documentar. Faltou-me o tempo e o talento, é certo, mas ficou claro para mim o empreendimento coletivo de férias de fornicação que os miúdos endinheirados de Lisboa ali desenvolviam. Sem pais, sem freios e provavelmente sem grandes limites de cartão de crédito, aquela juventude dava corpo ao que lhe apetecesse.

Era setembro de 2015 e escrevi assim: “Tenho em mente um novo livro para escrever. Chamar-se-á *Férias de fornicação: A razão por que o lazer dos adolescentes mostra a decadência da nossa cultura*. Já tenho a teoria essencial plasmada na minha cabeça, resultado de ver a Costa Vicentina inundada de *teenagers* abastados, saídos dos seus colégios católicos, conduzindo o automóvel do papai para se deitarem com quem lhes apeteça. O nosso maior problema não é a esquerda defender valores anticristãos. O nosso maior problema é a demografia da suposta direita conservadora viver de um modo requintadamente pagão”. Passaram mais de sete anos e continuo a concordar com o que anotei à época.

Dar corpo ao que nos apetece é, em grande parte, aquilo que significa fornicar. Infelizmente fomos perdendo a nossa familiaridade com o termo e, assim, também uma oportunidade de voos morais mais altos. É interessante que há dicionários onde a definição de fornicação é “ter relações

sexuais”, mas essa é incompleta. Por exemplo, na Bíblia, onde a palavra muito aparece, fornicção é toda relação sexual que acontece fora do casamento. Fornicar é, nesse sentido, dar corpo ao que me apetece além da promessa matrimonial que tenha feito (ou ainda vá fazer). Fornicar é a grande liberdade de me comportar para lá das fronteiras da minha palavra. Fornicar é furar o que falei.

Quando a miudagem copula à vontade, naturalmente não pensa nisso. Pensa pôr a liberdade a render, mas o que está em causa é rejeitar uma inteireza que só se descobre quando o corpo é o mapa da nossa dedicação a alguém — é o paradoxo de só saber quem sou quando não sou só meu. A fornicção, parecendo o muito que fazemos com o nosso corpo, é a desmaterialização dele em encaixes imediatos que não se prolongam no tempo. Sendo tudo acerca da carne, a fornicção é impedirmos que ela se relacione com a palavra. Para quem, como os cristãos, acredita que o universo começa com o verbo, com o “faça-se”, já está a ver aonde se chega: fornicar é um fazer que, na ausência da palavra, nos fantasmiza.

A virilidade da rapaziada na Costa Vicentina torna-se, ironicamente, um vazio. O fornicador soma gente ao seu corpo para que no fim tudo suma — somar fica mesmo sumir. Faz lembrar quando em *De volta para o futuro* a família do Marty McFly se evapora progressivamente na fotografia e ele tem de fazer o possível e o impossível para que o futuro se agunte. Talvez injete demasiado existencialismo num retrato *pop*, mas é também este o desmoronamento que sucede aos verões sensuais que observei — excitam muito na estação quente mas depois exibirão uma frente fria.

H. L. Mencken dizia com graça que o puritanismo era o pânico de que alguém, em algum lugar, possa ser feliz. Eu, que tento ser o puritano mais assumido que consigo (no sentido religioso e histórico do termo), não posso deixar de admitir que ainda estou por descobrir um fornicador feliz. Aliás, devo ir mais longe e assumir melhor a minha inexperiência total nessa matéria: por um lado, nunca forniquei; e por outro, não tenho uma fé assim tão grande na felicidade. E é aqui que muitos cínicos, como Mencken era, acabam contraditoriamente por professar a religião que sustenta essas férias alentejanas e muitas outras: crendo que a felicidade, para ser factual, precisa ser muito fornicada.

23/01/22

O mal resolvido confessa-se

Até começar a escrever regularmente em meios digitais, desconhecia a regra que os colunistas mais sensatos têm de, obviamente, não lerem as caixas de comentários. Agora percebo. Ler a caixa de comentários é para articulistas inseguros e que buscam o consolo infantil da unanimidade. Admito que caí na armadilha. A experiência me recordou que, com honrosas exceções, as caixas de comentários são um contributo incrível para continuarmos a acreditar que o inferno não somente existe, como é o destino espiritual estatisticamente mais provável da humanidade.

Mais do que uma pessoa na caixa de comentários me chamava “mal resolvido”. Tomo “mal resolvido” como das frases mais razoáveis que podem ser ditas acerca de mim. E sou levado a estranhar que seja usada como acusação. Que tipo de qualidade existe e me escapa em a pessoa ser bem resolvida? Será que ser bem resolvido significa ter-se a si mesmo como o assunto essencialmente tratado? Quem é que vive bem com a ideia de ser um assunto solucionado? O que faz a pessoa bem resolvida, ó céus?! Passa para a próxima, como se o mundo fosse uma linha de montagem de resoluções sucessivas? Em que universo vivem as pessoas bem resolvidas, e como é que ainda não me tornei numa delas?

Curiosamente, li que era mal resolvido depois do texto que escrevi contra a fornicação. Pela lógica do argumento, fico com a ideia de que a fornicar nos vamos resolvendo, um conceito igualmente surpreendente. Imagino então uma convicção de que a cópula livre providenciará o tipo de